

MAR ALTO

Peça em 3 actos de ANTÓNIO FERRO. Publicada em 1924.

Representada pela primeira vez no Teatro Sant'Ana, de S. Paulo (Brasil) em 18 de Novembro de 1922; em Lisboa, no Teatro de S. Carlos, em 10 de Julho de 1923.

[...]

Duas cenas: uma casa modesta (1.º acto, «mais nua, bastante despida pelas casas de penhores» no 3.º acto); uma sala de estar denotando «bom gosto, modernismo e comodidade» (2.º acto). Lisboa, actualidade.

Para Luís, poeta decadente, mutilado para a vida, sonhador e fraco, Madalena, sua mulher, criatura sensual e forte, «opiada de literatura», não é um corpo nu, é um corpo vestido, e o amor «uma girândola de vestidos». Para manter esse amor doentio, Madalena tem um amante rico, Henrique, que lhe paga as toiles, mas que um dia lhe exige que abandone o marido e se junte a ele definitivamente. Madalena recusa e dá-se o rompimento entre ambos. Mas nessa noite Luís chega a casa e confessa à mulher que roubou para lhe comprar um colar de pérolas. Perante essa humilhação, Madalena confessa-lhe também a sua traição, para assim ficarem os dois ao mesmo nível. E propõe-lhe reatar relações com o amante, «para que o amor do marido se eternize nas mil e uma noites dum guarda-roupa luxuoso», passando Luís a ser o seu amante e visitando-a, às escondidas, em casa de Henrique. Uma noite porém este desconfiado regressa mais cedo a casa. Madalena revela-lhe a identidade do homem que dali saíra; mas explica a sua presença pela necessidade de saber notícias do filho. Henrique insiste para que ela se divorcie e case com ele. Madalena recusa uma vez mais e acaba por atirar-lhe ao rosto a verdade: não o ama, ele é apenas «o costureiro» perante quem ela «se despiu para ele a vestir» e assim satisfazer os desejos mórbidos do marido. E, insensível aos seus rogos, abandona-o. Em frente um do outro, quebrado o encantamento, extinta a labareda que os devorava, Madalena e Luís acusam-se mutuamente, insultam-se, quase se batem. Quiseram viver um «amor para além da moral, para além das próprias consciências», e a moral voltou-se contra eles. Decidem morrer juntos, mas a voz do filho vem lembrar-lhes que estão «condenados a viver». E amarrados um ao outro, eles serão «como dois náufragos no mar alto à espera da onda que os leve».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 225-226.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.